

# Desdobres de uma teologia de bolso

Eliana Yunes\*

## **RESUMO:**

Há uma diferença entre o que se considera teopoética e o texto poético com referências religiosas, no caso de Gilberto Mendonça Teles. O presente artigo assinala o distanciamento de um pensar poético-teológico no conjunto de seus textos, embora esteja explícita a valoração da herança cristã como intertexto.

**Palavras-chave:** Teopoética. Intertextualidade. Religiosidade.

Não é extraordinário que os pensadores em geral, mesmo em meio à chamada crise das letras, (re)descubram a partir da literatura mais especificamente, que as ciências e as filosofias possam (re) tomar um caminho abandonado: o das sensibilidades, o das percepções agudas e súbitas, que fazem ponte entre saberes *duros*, colocando-os em diálogo. Muito já se disse da habilidade sugestiva da palavra e do imaginário que instaura (VALERY, 1955): cada vez mais longe de ser inócuo fingimento, a poesia alimenta todos os possíveis, tão reais como os sonhos.

Quando se sabe que nossos vôos interplanetários dependem de fórmulas matemáticas “fechadas” *por aproximação*, já não deve causar espanto a leigos, por mais que cientistas como Sokal (1999) se agitem, que as artes e a teoria que delas tenta dar conta, possam rasgar horizontes que a custo a ciência persegue – às vezes, tão fantasticamente quanto – seja no microcosmos de uma célula (MATURANA, 1997), seja no macrocosmos das nebulosas (HAWKING, 1988). É verdade que precisamos das especializações e das disciplinas geradas pela ciência moderna, para hoje voltarmos à necessidade de olhar o conjunto da vida e entender a fina sensibilidade que tornou interdependentes os seres e saberes (MORIN, 2001).

No bojo desta nova postura *trans e interdisciplinar*, a literatura tem sido boa parceira para perscrutar a mente e o coração humanos, realizando *un pas de deux* com outras áreas do conhecimento, com o compromisso apenas de suscitar novas percepções, deixando às ciências, sem qualquer pretexto ou disputa, o ônus da prova. Assim foi com a psicanálise, com a antropologia, com a física, com a biologia que têm débitos com a poesia, romances e ficções científicas. Estratégias de leitura dos mitos têm ajudado a entender sociedades inteiras, por exemplo, com Lévi-Straus (1972) e a teoria da literatura tem colaborado para a compreensão de narrativas sagradas (MILES, 2002).

Na análise da poesia de Gilberto Mendonça Telles seria surpreendente que a conexão entre literatura e teologia ficasse omissa. De forma bastante despreziosa, uma videoconferência realizada com ele, através do Centro de Educação à Distância da PUC-Rio, o que acabou dando origem a este artigo. Entre a poesia e o sagrado é tão tênue a fímbria que já não nos admira encontrar enlaces entre mística e erótica, explicitadas tanto na arte – lembremos a título de exemplo, a obra de Adélia Prado – quanto nas teorias sobre o erotismo postuladas mais recentemente por Bataille (1992).

O tema em pauta já provocou inclusive uma surpresa a Gilberto Mendonça Telles, vendo anunciado um livro que *desconhecia ter escrito como livro*: é que José Fernandes, professor e crítico da UFGO, selecionou poemas seus que considerou recobrirem a temática aqui referida e realizou um estudo introdutório para o título *Teologia de Bolso* (2005), onde estão reunidos os poemas com extrato religioso. São cerca de 77 poemas, analisados com o afiado instrumental da estilística, tão

caro ao poeta goiano, que dela se serviu para olhar com lupa a obra drummondiana (TELLES, 1990). O título, este sim, era de Gilberto, e aparecera em *Álibis/Sibila*, (2000) como um poema em quatro cantos.

Não vou me restringir a esta pequena antologia porque, em sua maioria, eles ilustram referências a textos religiosos, mas não são propícios à investigação que desejo estabelecer para falar de teopoética enquanto exercício teológico através da literatura. Este termo, o teólogo Karl-Josef Kuchel forjou para indicar a interdisciplinaridade *de fato* existente entre a linguagem poética e a sagrada, e vem se popularizando, a partir da criação da Associação Latino-americana de Teologia e Literatura /Alalite.

Contudo, às vezes, as relações interdisciplinares se propõem como uma hermenêutica literária, de recursos teórico-críticos aplicados à teologia; outras, como uma teologia que se faz através das epifanias e fulgores do literário; outras ainda, em que as aproximações têm apenas um efeito paralelístico.

Há o depoimento do autor, de que muitos destes poemas buscaram deliberadamente uma escrita intertextual, para dialogar com obras religiosas, cristãs e pagãs; mas a maioria das referências está fragmentada, em forma de imagens (alusões, metáforas, metonímias, comparações), como veremos. O poeta relatou na gravação referida, que “parece haver sempre uma afirmação e uma negação nas minhas imagens de fundo religioso. Falo muito em personagens míticas greco-romanas, mas vejo a presença de um Ideal não-identificado, próximo à Esperança, que no fundo, é cristã”.

Assim, desde o primeiro livro até o último, – reunidas todas as obras na publicação *Hora Aberta* (2002), da qual passamos a citar todos os poemas com a página entre parênteses – Gilberto, referindo-se à Arte, se porta como um devoto, ela é a sua religião. Embora na década de 50, o tom seja ainda marcado pelo ritmo clássico (*Aspiração*), há a presença de um sublime pelo qual a alma anseia:

Anseio pela perfeição suprema  
das idéias grandiosas, que imagino  
nos acordes maviosos de um violino  
ou nas estrofes suaves de um poema (TELLES, 2002, p. 778).

Na página seguinte, do mesmo livro *Estrela d’Alva*, no poema *Fuga*, ele escreve em tom vocativo à sua alma:

Sobe serena e sente as regiões consteladas  
e banha-te de luz das brancas nebulosas,  
das estrelas que são como lúcidas rosas  
cultivadas por Quem, cuidando do seu Jardim,  
jamais teve princípio e nunca terá fim (TELLES, 2002, p. 779).

Mesmo dizendo que a estes versos “*lhes parece faltar a arritmia do momento poético em que vivemos*”, o poeta não os esconde de seu público, estendendo frente a ele sua sensibilidade de tempos diversos. Seus muitos sonetos, tocando a fímbria do *Mistério* (p. 783), falam das marcas deixadas pela educação religiosa em suas letras:

não sei o que me impele e o que me arrasta  
para o sossego de uma igreja fria  
onde minh’ alma se ajoelha e, casta,  
como uma santa monja se extasia (TELLES, 2002, p. 783).

Se seguirmos a cronologia da própria obra, podemos oferecer ao leitor o percurso feito por Gilberto, desde uma religião legada pela mãe, ingênua, digamos, quase primária, até a que ao longo da vida foi se construindo entre dúvidas e confirmações, desvios e retomadas quase esotéricas. Em 1953, o inevitável tema do nascimento de Cristo aparece solene em “Oração de Natal” e se repetirá muitas vezes na obra reunida, e como se registra no inédito “Peru de Natal” (TELLES, 2002, p. 60), de Arabiscos, em tom bem mais irônico, lembrando o conto antropofágico de Mário de Andrade, que leva o mesmo título. Comparemos os dois poemas; no primeiro

.....Deixai-me ouvir os hinos  
as sagradas canções, o badalar dos sinos,  
esses celestes sons que em minh’alma adensam... (TELLES, 2002, p. 845).

Já no segundo,

Daí porque um sujeito, desconfiado  
como eu, fica arredio no Natal:  
é que até o peru, mesmo recheado,  
tem lá seu gluglu sentimental (TELLES, 2002, p. 60).

O poema mais antigo, em que faz profissão de fé e súplicas saiu na Folha de Goyaz, enquanto n’O Coruja, da mesma cidade, aparecia seu contraponto, “Ceticismo” (TELLES, 2002, p. 854):

quase não creio mais em coisa alguma  
embora sinta o ardor da mocidade!  
Pois sei que o desengano rígido há-de  
Levar-me as ilusões, uma por uma.

O conjunto da obra propicia muitas incursões cruzadas que dariam uma impressão de cristianismo arraigado e, contudo, outros matizes se interpõem à presença do romano catolicismo; mas de toda sorte se mantém um clima de espiritualidade sagrada, mesmo que ele esteja apenas inscrito como imagem poética, o que se vê neste soneto (TELLES, 2002, p. 67) feito em intertexto de ecos shakespearianos:

.....  
Que vale o preocupar-te? A vida...Pensa:  
A vida é sonho, um pesadelo duro,  
Em que o homem se encontra num monturo  
E sua alma a voar, no céu suspensa...  
  
E o homem sente o desejo de atingi-la  
Mas de repente acorda. O resto é argila.  
Um sonho finda e um outro vence-o,  
  
Que a vida é sonho, a morte é sonho e tudo  
Não passa da ilusão de um sonho mudo  
No grande sonho eterno de silêncio.

Muitas vezes o vocabulário selecionado para enobrecer os sentimentos mundanos faz referências ao campo semântico religioso: o léxico não deixa dúvidas de sua fonte: (*A cruz do amor*):

No campanário de meu sonho altivo  
Cujo zimbório a Cruz do Amor guarnece,  
Entre espirais de incensos e prece  
Um sino existe a dlindonar festivo (TELLES, 2002, p. 831).

Estes recursos metafóricos para falar da vida e de seus sonhos, espalham-se pelos primeiros livros e se multiplicam em poemas como “Aleluia” (TELLES, 2002, p. 781), “Rosário” (p. 777), “Procissão” (p. 803), conforme os próprios títulos enunciam.

Por outro lado, a imagem da poesia é perseguida em tons absolutos e se identifica com a nascente de todo verbo, de toda a criação, como em “O ideal” (TELLES, 2002, p. 836):

.....  
Centelha divinal, na dúvida angustiosa,  
O teu brilho se extingue e, na região brumosa  
Do subconsciente, espalha a sombra sorrateira.

Mas, quando o racional revérbero cintila,  
A tua imagem volta a me guiar, tranqüila  
Como nos céus do Oriente a Estrela mensageira.

Esta mística devota, com hesitações e arroubos referidos ao sopro divino do verbo, não é rara na poesia em geral, percebida como sagrada, na medida que a palavra instaura mundos e realidades e, como um taumaturgo, o poeta busca se afirmar mais que profeta, criador.

Ao aproximar sua poética das reverberações do infinito, Gilberto Mendonça Telles acaba por compor uma intertextualidade insistente com o Gênesis, de forma reiterada. No poema que dá nome à sua poesia reunida, *Hora Aberta*, está “à linha d’água” a confissão:

Visível enquanto invisível  
compõe seu ritmo avergoado:  
a imagem se imprime no nível  
do que está *deste e do outro lado*

Por sob a carga o sonho e o medo  
de haver perdido e haver ganhado  
no contrabando do segredo  
*o contrapeso do sagrado* (TELLES, 2002, p. 33, grifos nossos).

É como contrapeso de sua poética que aparece o sagrado. Afinal não há poesia sem menção ao par tempo/eternidade, (p. 638, 604) ao confronto vida/morte, (p. 794, 655, 153) um certo enlevo e contemplação do indizível, do indefinível. Gilberto não foge à regra e não são poucos os poemas que lidam com a melancolia da vida escoando, uma certa ironia para vencer o medo, como proposto em “Trapassato Remoto” (p.144), e “Pacto” (p.117).

No entanto, para expressar o que tem peso em sua “arte de armar” (p. 479), recorre com insistência, às vezes como paráfrase, outras como paródia, ao livro primeiro da Bíblia judaico-cristã e insiste na questão do Nome, como contrapeso, mas adverte:

E arma o idílio das formas no teu pulso,  
que há sempre uma armadilha no discurso (TELLES, 2002, p.479).

Esta busca de aproximação com a raiz de tudo se intensifica na “raiz da fala”, poética renitente, que quer a fusão mas permanece no limiar. Veja-se este “Antes do nome” (TELLES, 2002, p.542):

No princípio, quando o nome soprava  
da boca das crateras e o hálito  
de fogo fundia os horizontes vazios,  
nenhum sinal cortava o deserto do tempo  
e apenas a sombra se movia monótona  
sobre a fauce das águas.

.....  
Um dia todos os seres vivos amanheceram  
Sur-presos nas malhas do nome.  
Menos as coisas: estas permaneceram  
Livres e continuam noturnas, à espera  
De outro momento da criação.

Interessante é a confirmação que se vê mais tarde, no poema “Coisas” de maio de 1977:

.....  
eu sempre me rodeio de coisas  
porque são elas que me devolvem  
à primitiva consciência do mundo (TELLES, 2002, p. 542).

Gilberto segue a trajetória de quem toma a palavra poética enquanto limítrofe do indizível e se esforça em promover uma ascese do e pelo discurso poético, afastando-se do exercício místico que entrevê o divino no real. Leia-se o fragmento de “Cabala” (TELLES, 2002, p. 548):

De tanto mastigar ou roer  
o ruído da noite, sua língua  
produziu uma palavra temporã  
que ninguém conseguia entender.

.....  
Mas só depois que o absurdo  
Apalpou seus ouvidos e enunciou  
A exatidão do desespero,  
Foi que os homens perceberam  
E puderam chorar em silêncio  
Sobre os acontecimentos.

O modelo para a palavra poética, seu espelho mais fiel, Gilberto o reconhece no dito e não dito, no entredito e no interdito da palavra ambígua e metafórica, às vezes paradoxal, do divino, com em “Prece”:

Li tanta mensagem  
castiça ou bastarda  
já lancei nos campos  
meu grão de mostarda (TELLES, 2002, p.486).

Mas não se creia que o jogo é exclusivamente de linhagem cristã; o caso pode se dar com um certo gosto hinduísta, como se acompanha em “Continuum” (p.142) ou mesmo ocorrer em ritmo de herança afro, tal como aparece em “Vodu” (TELLES, 2002, p.103):

De vez em quando é preciso espetar  
alguns nomes de gente no papel...  
.....  
E assim como quem não quer nada,  
mas brandindo a perícia do estilo (e do estilete)  
alinhavá-los num papel de embrulho  
e enfincar-lhes sorrindo a ponta da caneta.

Depois é só jogar o sangue na sarjeta.

Com Gilberto não se pode mesmo dizer que a escrita seja epifânica ou que a mística se abra ao bloqueio do verbo; ele não rompe a barreira do dizer construído, feito de perspicaz e lúdica armação, e escreve sem preocupar-se com “a dinâmica estética e literária [que] permite captar novos ecos de pertinência da figura kenótica da revelação e da plenitude humana” (PALUMBO, 2002, p.48). Seu diálogo mais forte não é com a experiência do divino que queira compreender ou nela ser apreendido; a intertextualidade prevalece em lugar de uma interdisciplinaridade que fundisse o paradigma da escuta feita tanto pela literatura quanto pela teologia. Ou seja, as travessias religiosas da poesia de Gilberto não se propõem a facultar exercícios teológicos, mas exercitam o parentesco com o mistério, como se a poesia mesma fosse seu limite – “Criação” contesta o verbo de Deus:

o verbo nunca esteve no início  
.....  
no início ou no fim(tudo é finício)  
a gente se lembra de que está mesmo com Deus  
à espera de um grande acontecimento,  
mas nunca se dá conta de que é preciso  
ir roendo  
    roendo  
        roendo  
um osso duro de roer (TELLES, 2002, p.95).

Deste modo, Angel Marcos de Dios, crítico salamantino, adiantava na apresentação dos poemas reunidos nesta obra completa que aqui vai sendo lida, que “religião ou esoterismo, cabalismo ou numerologia ou simplesmente ludismo, o que se conta é que Gilberto procura extrair de todas, boa parte de sua matéria poética” (DIOS, 2002, p. 30). Não há uma passagem da teologia para o plano da literatura como se esta pudesse ser concebida como uma linguagem teológica, por vezes. O diálogo com a palavra sagrada existe, mesmo quando a contrapelo ou apropriada ele a retoma para fazer crescer o lugar do poético e do poeta.

O modo como ele dispõe sua obra em *Hora Aberta*, dividida em *Nome* (busca dos inícios), *Sintaxe* (exercício da forma) e *Sentido* (rede aberta), indica a preocupação com a língua(gem) enquanto suporte material da poesia, distanciando-se do empenho em fazer da poética uma figuração teológica. Nisto se reconhece também a força de seu projeto literário, que luta por uma ascese, sem pruridos e comedimentos, do seu fazer ao estatuto de criação que dignifique seu criador. A começar pelas epígrafes que adiantam a seu leitor suas leituras, nada casuais ou inocentes: de Platão a Guillén, de Hamurabi a Drummond, ele comparte esta luta com a palavra que o poeta mineiro advertia ser vã.

Portanto é de todo relevante que já na maturidade crítica e poética, conhecendo muitos dos segredos de dizer e desdizer, Gilberto Mendonça Telles dedique-se a um exercício sofisticado de luta com Deus, qual Jacó obstinado em vencer o mais forte que ele: de “a” a “z”, sua *Teologia de bolso*,

(p.145) entra pelas “negativas” da ação de Deus para concluir em paradoxo, que “o alfabeto de Deus é puro verbo”. Envereda pelos “murmúrios”, segue para “as essências”, afirmativas, porém inclusivas (“toda essência reduz, mas Deus amplia”), para retornar ao alfabeto, agora às avessas, com “Alfa e Ômega”. De novo, de “a” a “z”, ele inventa o que o dicionário não contém e dobra a língua para falar de Deus: são os seus *deusdobres*, instigando o discurso a fazer o impossível. Conclui, capitulando afinal, que “o entusiasmo de Deus rói a linguagem”.

O esforço agora investe nos “*Improvisuais*” (pp.79 a 86), série de poemas visuais, em que o recurso à imagem se apresenta como improvisos de acercamento ao impalpável e de busca da *impressão de um continuum* que conforta e consola este “eu” descolado de seu centro (ocidental) até perder-se no emaranhado do todo (oriental), realizado em três “transições” ou tempos.

O que sua teologia de bolso, desprezenciosamente buscava, se enuncia impossível e segue sem medo de confirmá-lo, no poema que afinal, se faz epígrafe intratextual (TELLES, 2002, p. 33) para toda sua *Hora Aberta*:

A que, visível, se interrompe  
na palma da mão decisiva:  
a ultrapassagem do horizonte  
pelo lado avesso da escrita.

.....  
E o que ficou quase perdido  
(o que me deixa envergonhado)  
ainda viaja sem sentido,  
meio à deriva  
e bem calado

Se a teologia é de bolso, a literatura não é de brinquedo. Os versos de Gilberto Mendonça Telles que não se pretendem versão de abismos místicos, nem poética do que não se pode pronunciar, apresentam-se como um exercício calculado do verbo que se aproxima sem adentrar o mistério que o Verbo desvela na fronteira das metáforas, parábolas e aforismos. Na baliza pragmática do poema escrito, ele esgrima os desdobres do discurso, sem querer alcançar como Cecília e Murilo uma espécie de Parusia que lhe dê uma comunhão afinal. Mas dobra o discurso, submetendo-o ao desnudamento de seus limites. Nem a perplexidade de Clarice, nem a paixão de Adélia. Sem pretensões, o poema admite sua fímbria roçando o sagrado sem abrí-lo ao teologal.

Em verdade, parece que uma teopoética não se realiza em *Hora Aberta* (TELLES, 2002) embora a obra remeta a um chamado na linguagem, da letra, mas não do espírito capaz de fundir palavra e verdade como em Tereza, a doutora, ou mesmo no céptico Drummond.

## Facets of a pocket theology

### **ABSTRACT:**

There is a difference between what is considered as theoetics and the poetical text with religious references, in the case of the author Gilberto Mendonça Teles. This paper distinguishes the detachment of a poetical-theological thinking in his body of work, although the valorization of Christian legacy as intertext is explicitly valorized.

**Keywords:** Theoetics. Intertextuality. Religiosity.

## Notas explicativas

\* Professora Associada da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

## Referências

- BATAILLE, G. *A experiência Interior*. São Paulo: Ática, 1992.
- DIOS, Angel Marcos. A Casa de vidro da Linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Hora Aberta*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- HAWKING, S. *Uma história do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LÉVI-STRAUS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus, 1972.
- MATURANA, H. *Autopoiese*. Porto Alegre: Artesmédicas, 1997.
- MILES, J. *Cristo, uma crise na vida de Deus*. São Paulo: Cia das Letras 2002.
- MORIN, E. *A Religação dos Saberes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- PALUMBO, C.A. de. *La literatura em la Estética de Hans Urs Von Balthasar*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 2002
- SOKAL, A. *Imposturas Intelectuais*. Rio de Janeiro: Record, 1999
- TELLES, G. M. *A Estilística da Repetição*. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Hora Aberta*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002
- VALÉRY, P. *Oeuvres I*. Paris: NRF, 1955

Recebido em: 2 de maio de 2012

Aprovado em: 13 de junho de 2012